

# BIBLIOTECAS DE FRUIÇÃO OU POR QUE AS BIBLIOTECAS CLÁSSICAS NÃO CONTRIBUEM NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Paulo Sesar Pimentel<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo problematiza as bibliotecas, questionando sua estrutura, suas regras, sua organização e seu funcionamento, propondo alternativas que viabilizem aos leitores um acesso mais efetivo aos livros e fomentem a fruição das obras na contemporaneidade. Para isso, há o foco nas bibliotecas públicas brasileiras – em especial, nas seções onde estão dispostos os livros de literatura e nos espaços destinados à leitura dentro destes ambientes – em contraposição à constituição histórica destes espaços. Intenciona-se, assim, propor modelos alternativos de bibliotecas, chamadas no texto de *Bibliotecas de Fruição*, que tem por objetivo fomentar o prazer nos leitores.

**Palavras-chave:** biblioteca, acervo, leitura, fruição.

*Os livros são objetos transcendententes  
Mas podemos amá-los do amor táctil  
Que votamos aos maços de cigarro  
Domá-los, cultivá-los em aquários,  
Em estantes, gaiolas, em fogueiras  
(Livros, Caetano Veloso)*

O senso comum afirma que o brasileiro não lê ou o faz muito pouco. Ao analisarmos, entretanto, dados divulgados pelo *Instituto Pró-Livro*<sup>2</sup>, com um diagnóstico da leitura no país, deparamo-nos com uma média nacional de 4,7 livros ano/habitante em 2014. O número está acima do que se acredita ser a média nacional, mas, ainda assim, mantém-se aquém das expectativas que se tem de encontrarmos, ou formarmos, um país de leitores. Dos preços praticados ao acesso às obras, muitos são os entraves à leitura, em especial, uma leitura que foque o prazer, afinal, “uma literatura do desejo é a coisa mais difícil” (Barthes, 1988, p. 240). Por conta disto, enfocaremos neste

---

<sup>1</sup>Professor do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá-Bela Vista. Doutorando em Psicologia (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFF – Niterói-RJ), Mestre em Estudos de Linguagem (MeEL – UFMT – Cuiabá-MT), graduado em Letras (Unemat – Sinop-MT) e. E-mail: paulo.pimentel.pimentel@gmail.com

<sup>2</sup>Disponível em <http://www.cnte.org.br/index.php/comunicação/noticias/765-o-brasileiro-le-em-media-menos-de-cinco-livros-por-ano> - acessado 12/06/2015.

texto um destes elementos – que poderiam facilitar o acesso aos livros, mas que, muitas vezes, o dificultam – as bibliotecas, especialmente as públicas brasileiras que disponibilizam livros de literatura, problematizando-as e propondo outras formas de pensá-las, organizá-las e, por meio delas, facilitar o acesso a autores e livros, fomentando a leitura por prazer, ou como denominaremos no texto, por fruição. Nosso intuito não é o de apenas questionar os padrões estabelecidos, mas entendê-los e, sempre que possível e necessário, sugerir alternativas que estabeleçam um diálogo entre o livro e o leitor. Para tanto, em alguns momentos, faz-se necessária uma retomada da história da organização dos livros em determinados espaços e as formas que foram, ao longo dos séculos, desenvolvidas para que os livros fossem dispostos e acessados.

Míticas, como a *Biblioteca da Alexandria*, no Egito, ou históricas, como a *Biblioteca Nacional*, no Rio de Janeiro, estes espaços estão imbricados à saga da humanidade. Foram, inclusive, descritos e trabalhados, ora como mote, ora como palco para narrativas metalinguísticas, por nomes consagrados da literatura universal. Em um destes casos, Umberto Eco, crítico, romancista e ensaísta italiano, compôs uma das mais famosas histórias a circundar e focar uma biblioteca. *O Nome da Rosa* (ECO, 1980), romance do começo dos anos 80 do século XX, adaptado para o cinema por Jean-Jacques Annaud<sup>3</sup>, descreve um mosteiro medieval com uma das maiores bibliotecas do mundo. A trama narrativa, envolta em mistério e suspense, constrói-se em torno de uma suposta obra escrita por Aristóteles, a segunda parte da *Poética*, a tratar do riso. Proibidos de ler o livro – considerado pelo antagonista, um monge idoso e cego, antigo bibliotecário responsável por todo o acervo do mosteiro – os protagonistas, Frei de Baskerville e seu aprendiz, Adson de Melk, buscam desenovelar uma trama de assassinatos.

O enredo se complica com a chegada de Bernardo Gui, um Grão-Inquisidor, que tem como missão investigar, prender, torturar e executar qualquer suspeito que tenha relação com as mortes e, por isso, em sua concepção, esteja agindo em nome do diabo. O Frei de Baskerville é acusado de heresia e precisa lidar com segredos e mistérios, todos conduzindo à biblioteca. Ao fim, a ação resulta na destruição, devido a um

---

<sup>3</sup>*O Nome da Rosa* (Der Name Der Rose). Ano de Lançamento: (Alemanha) 1986. Duração/Distribuição: 130 min, Globo. Direção: Jean Jacques Annaud Elenco: Sean Conery, F. Murray Abraham, Cristian Slater.

incêndio, de uma quantidade significativa de livros, alguns sendo exemplares únicos e, por isso, perdidos para sempre<sup>4</sup>.

Para muito além da ideia maniqueísta de bem e mal e de toda teoria de conspiração como recurso narrativo, que permeia o enredo, o que nos chama a atenção é o valor alegórico criado em torno de bibliotecas e livros. No período medieval (a história se desenvolve no início do século XIV), a igreja católica era a grande detentora do conhecimento grafado (CAVALHO; CHARTIER, 1998, p. 123). Isto permitia uma censura e controle de seu acesso e de sua divulgação, restringindo os livros a pequenos grupos, ligados à própria igreja ou às classe dirigentes. Esta característica medieval remonta a Roma dos primeiros séculos, período no qual a escrita e a leitura foram circunscritos ao corpo sacerdotal e aos nobres, tornando a leitura uma atividade de distinção social e fazendo com que o acesso a bibliotecas públicas e a posse de acervos privados constituísse status a indivíduos e famílias (CAVALHO; CHARTIER, 1998, p. 71). Este fato corrobora com o aforismo, presente em *Meditationes Sacrae* (1597), de Francis Bacon, “conhecimento é poder”. Partindo dele, vale ressaltar que conhecimento sempre foi poder e, talvez por isto, sempre esteve, ao menos, grande parte do conhecimento artístico e acadêmico, com diversos métodos, afastado da maior parte da população, geralmente enclausurado em bibliotecas inacessíveis à população.

Ainda retomando a obra de Eco, é interessante notar elementos que alegorizam o afastamento entre pessoas e livros. A grande e rica biblioteca descrita no romance está inserida num espaço autoproclamado sagrado, um mosteiro, rodeado topicamente e metaforicamente por miséria, fome e analfabetismo. É uma ilha cercada por águas revoltosas e barrentas, impossíveis à maior parte das pessoas de serem atravessadas. Ou ainda, a biblioteca é uma miragem que, mesmo que alcançada, desvanece como névoa, impossível de ser tocada ou vivida. A biblioteca é completamente inacessível às pessoas, ainda que alguém, fisicamente, coloque os pés nela. É importante lembrar que, em *O nome da Rosa*, a torre onde estão dispostos os livros é um grande labirinto, permitindo seu acesso, para entrar e sair, apenas a poucos iniciados. Há que se

---

<sup>4</sup>A narrativa de Eco é exemplar. Ao longo da história da humanidade, os livros foram negados ou proibidos. Em vários casos documentados, incontáveis quantidades de livros foram destruídas. Os registros apontam centenas de grandes bibliotecas que foram queimadas, por exemplo. Fernando Báez, em “História Universal da Destruição dos Livros: das Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque” (Báez, 2004) descreve e analisa diversos momentos em que o obscurantismo e o medo de livros e bibliotecas causaram irreparáveis perdas à humanidade e ao conhecimento.

considerar que o próprio conhecimento é também labiríntico, o que contribui para a inacessibilidade daqueles que não são conduzidos e orientados nos mistérios. Sendo assim, os demais, a maioria das pessoas, se entrarem, perder-se-ão e haverá uma sacralidade infértil do conhecimento mantida. A biblioteca foi construída para isto: ser inacessível, perigosa, confusa, impenetrável e protegida em si mesma do mundo exterior, mesmo sendo seus livros formados a partir deste mundo. Não há Ariadne e seu fio salvador, pois este, que permite a localização da entrada, dos meios e da saída, é o conhecimento e ele, mesmo posto em todas as paredes, não sacia, mas amplia a fome. A metáfora do labirinto assim se faz perfeita. O conhecimento, como fome insaciável, faz com que o indivíduo, num paradoxo também perfeito, ao buscar a entrada, perca a saída, ao buscar a saciedade, encontre mais fome e, na ordem dos livros posta em prateleiras, a desordem da orientação tópica que lhe impede de avançar, sair, retornar. Por isso, é possível afirmar que o conhecimento, não a penas na atualidade, mas sempre, dá realmente poder. Chartier afirma que “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é o engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1999, p. 16). Nossas relações no sentido mais amplo, com os outros seres humanos, com seu conjunto, a sociedade, nossa posição no mundo, seja no tempo, qualquer tempo, e no espaço, qualquer espaço, se constrói pelo conhecimento acumulado, pela leitura. Neste ponto, é interessante retomar o termo poder, na proposição de Bacon: ao engajar o corpo, inscrevê-lo num espaço, tem-se a possibilidade de agir na natureza, na sociedade, em si próprio e no próprio conhecimento. O poder, então, é, pelo conhecimento, a superação das limitações da matéria, o trânsito por outras esferas, no além do aqui e agora. Assim, mais uma vez retomando uma das metáforas do romance de Eco, a do antagonista, temos um monge velho e cego que circula pela torre, por todos os seus caminhos labirínticos, conhecendo localizações e espaços, obras e autores, prateleiras e livros, entrando e saindo, como um cão feroz, sem condições de ler e sem permitir que os outros leiam. Sem poder usufruir do poder dos livros devido à cegueira, ele o nega também, juiz, promotor, jurado e executor do conhecimento.

Partindo destas elucubrações, há uma pergunta que perdura: o que são bibliotecas? Uma resposta imediata, dicionarizada, afirmaria serem elas os espaços onde se dispõem livros, onde se acumula o conhecimento, colocado, em teoria, ao alcance das

mãos. Elas seriam onde, organizadamente, o saber humano está e pode ser acessado. Infelizmente, apenas parte desta afirmação é verdadeira. Uma parcela significativa do conhecimento artístico e acadêmico, científico, está lá, disposto em códigos e ao alcance das mãos, mas não necessariamente, ao alcance dos olhos, do cérebro, do coração. Se em *O nome da Rosa*, o labirinto e o monge cego, antigo bibliotecário, são entraves ao acesso aos livros, na nossa realidade, diversos elementos contribuem para impedir que as bibliotecas sejam acessadas. As pessoas leem de maneiras diferentes, de formas diversas. Há leitores que são letrados plenamente e aqueles que não possuem ainda habilidades com a diversidade possível expressa nos livros. Esta diversidade, das informações, dos intertextos, extratextos, intertextos a formas textuais, tipográficas, configuram o labirinto do conhecimento e a cegueira frente às infinitas possibilidades que um livro pode abarcar (CHARTIER, 1999, p. 13). Fomentar a leitura, então, é permitir ao indivíduo intimidade com o mundo das letras, com suas combinações, dando a ele orientações (o fio de Ariadne) para entrar e sair com segurança, sentindo assim vontade de retornar. Isto não é a regra nas bibliotecas brasileiras, especialmente, as públicas.

Bibliotecas se tornaram o lugar da poeira, das traças, do acúmulo de papel em estantes (no caso do Brasil, de metal acinzentado e frio) onde se depositam livros que, mesmo em ordem alfabética e separados por assunto, não constituem conhecimento, apenas informação. Entende-se, por informação, o acúmulo de dados e elementos que, concatenados, tornam-se conhecimento. Para Luckesi e Passos (1996), obter conhecimentos vai além de captar a realidade pela retenção da informação. Esta deve ser utilizada para, desvendando o novo, avançar, uma vez que, quanto mais competência houver no entendimento do mundo, maior será a satisfação do sujeito que a apreende. Deste modo, informações postas, por exemplo, em bibliotecas poderiam facilitar o conhecimento, mas, por si só, não o realizam.

Na busca por uma formação ampla do indivíduo, já na infância e na adolescência, os alunos são levados às bibliotecas, sejam da própria instituição de estudo, sejam públicas. Um ou outro espaço podem se tornar lugares execrados pelos estudantes, já que o mote são pesquisas inglórias ou castigos de isolamento, não o prazer, a fruição, que pode emergir das letras, ou, como afirma Foucault (2000, p. 174), “do lugar essencial da linguagem”, os livros.

No passado, os livros e o espaço em que eles habitam estavam inacessíveis, agora, no contemporâneo, eles são acessíveis, não pela busca do saber, mas para que se perca neste labirinto sem possibilidades de sair, ou, caso se saia, sem a pretensão de voltar. Se havia antes de nossa época a impossibilidade de ler, devido ao analfabetismo pleno, há agora a mesma impossibilidade, mas devido ao analfabetismo funcional que permite decodificar as letras, as palavras, mas não extrair valores, significados e prazeres delas. Até porque, é importante lembrar, as palavras, em muitos momentos da história, foram escritas contra a maior parte das pessoas, não a favor. Códices de livros proibidos, listas de propriedades e bens, pertencentes a um seleto grupo, ideias abstratas e, aparentemente, distantes do cotidiano, conhecimento teórico que não se liga de imediato à prática, prosas didáticas, ensinando as pessoas como agir, como pensar, como viver, até as *lettres de cachet*<sup>5</sup>, as letras – e, por conseguinte, os livros – são sagradas, intimidadoras e opressoras. Não por acaso, algumas bibliotecas contemporâneas consideradas de referência, de bom gosto, com colunas gregas, pé-direito alto, letras rebuscadas na fachada, lustres de cristal e mobiliário de madeira nobre, assemelham-se a tribunais e fóruns, lugares de poder, não de habitação, de estadia, de interação entre indivíduos e ideias que deveriam transitar e se relacionar livres.

Mas, afinal, qual o problema das bibliotecas? Poderíamos começar a elencá-lo falando a respeito do acervo. Bibliotecas, a maior parte delas, não são espaços para o novo, ao menos, não via de regra. Nela estão livros velhos e usados, colocados em posição de descanso eterno, às vezes, apenas às vezes, incomodado este descanso por uma pesquisa rápida, superficial e motivada pela obrigação. No Brasil, livros novos são encontrados em livrarias, claras, iluminadas, limpas e assépticas, com um atendente sempre pronto a conduzir o comprador, não necessariamente o leitor. Para a maior parte dos leitores, num país em desenvolvimento como o Brasil, estes espaços, mesmo postos na esquina de onde se mora ou perto de onde se trabalha, estão tão aquém da realidade, que se constrói a ideia de que não é importante frequentar. Claro é que este é um processo histórico, herdado por nós, na contemporaneidade. Desde os romanos dos

---

<sup>5</sup>Foucault fala sobre documentos emitidos em nome do rei, chamados *Lettres de Cachet*, não necessariamente por sua própria iniciativa, mas atendendo a solicitações e pedidos de terceiros, sujeitando pessoas a medidas de segurança - prisão e internação - por terem comportamentos considerados indesejáveis (FOUCAULT, 1992, p. 104).

primeiros séculos, “livros e leitura estão profundamente inseridos no mundo das representações que distinguem os grupos sociais” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 77) e, aqueles que frequentam bibliotecas públicas por prazer, não por obrigação, geralmente, possuem acervos privados. Há, neste ponto, uma certa tradição de convívio doméstico, familiar e convívio social, compartilhado com os livros e, para Cavallo e Chartier, isto se reforça os ícones de status social. Considera-se afirmação também deste ponto o fato de que algumas bibliotecas ligadas a universidades, independente de públicas ou privadas, no Brasil, deterem um acervo renovado e atualizado. O acesso ao ensino superior no país ainda é inimaginável a grande parte da população e, assim, belas e atualizadas bibliotecas universitárias continuam a ser a preservação de status e distinção de classes. Bibliotecas de escolas públicas, bibliotecas de bairros, bibliotecas municipais e estaduais são a outra ponta, a pobre, desta equação, com apenas obras clássicas, de domínio público<sup>6</sup> e frutos de doações.

Comer é preciso, ler não é preciso. Divertir-se, quando se pode, é preciso, mergulhar num livro não é preciso – e as programações televisivas são provas disto. Lê-se apenas quando se tem a obrigação de fazê-lo, não quando se tem vontade. E, por obrigação, enfrenta-se a biblioteca, lugar escuro, poeirento e, muitas vezes, labiríntico, sem ajuda, sem orientação, tateando entre as prateleiras, espanando poeira e disputando com a desorganização obras encontradas muitas vezes ao acaso, não a livraria ou grandes bibliotecas universitárias, onde o conhecimento e a arte continuam sendo caros ou inacessíveis.

Bibliotecas, também, em muitos casos, são lugares confusos. Claro que isto não se refere a assuntos e números, letras e placas que marcam a disposição dos livros. Entretanto, esta lógica cartesiana de ir de A a Z, de 1 ao infinito, não é questionada, uma vez que, por força do hábito, parece ser sempre a melhor forma na disposição dos livros. Barthes afirma que “o texto é plural. Isto não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido. O texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal,

---

<sup>6</sup>Não é, de forma alguma, a intenção deste texto desmerecer obras clássicas e de domínio público. A questão, e diversos estudos acadêmicos atestam isso, é que, devido às variações temporais da linguagem e à utilização do português arcaico, estas obras afastam o leitor, que, ao não poder decodificá-las e não tendo suporte de um profissional (professor ou bibliotecário), terminam por associar a leitura a uma atividade extenuante e impossível. Sobre este ponto, sugere-se a leitura do artigo “O Best Seller dentro e fora da sala de aula”, de Bianca Borgianne, disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/>.

mas de uma explosão, de uma disseminação” (BARTHES, 1988, p.74). Texto e livro não são sinônimos, mas estão inter-relacionados. Escrever é situar a linguagem no âmago do livro (FOUCAULT, 2000, p. 160). Assim, por mais que se reconheça a necessidade de uma ordem na disposição de um acervo, deve-se considerar uma certa margem de quebra desta ordem, pois o plural do texto, irremediavelmente, se manifesta na pluralidade do livro e a explosão, a disseminação de sentidos, apontada por Barthes no texto, pode e deve se manifestar nas obras. Chartier (1999, p. 26) afirma que “a criatividade do leitor cresce à medida que decresce a instituição que a controlava”, assim, como se aprende em casa, com crianças que possuem intimidade com livros, a ordem de leitura e de desejo varia de acordo com o próprio leitor. Formas fixas, reiteramos, são importantes, modelos cartesianos de organização funcionam e são necessários, mas a rigidez imposta de que só por meio deles se pode acessar o conhecimento se mostra falaciosa. O modelo que mantemos de organização de bibliotecas, sejam elas para adultos ou para crianças, adolescentes e jovens é repleto de tantas barreiras, tais como a localização das bibliotecas, das estantes, das obras, até o lugar em que se senta para ler, que, como numa corrida com obstáculos, ao se chegar ao fim da prova, o leitor já está cansado para empreender uma nova corrida, uma nova caminhada, uma nova empreitada.

Tende-se a encher de “mais confusão as prateleiras”, como diz Caetano Veloso na canção *Livros*<sup>7</sup>, e isto se tornou o padrão na organização de obras em uma biblioteca. Claro que a ordem não precisa ser um problema, mas o que se tem feito com ela? Via de regra, em bibliotecas públicas, a disposição dos livros funciona como um totem sagrado do conhecimento humano, não como uma fonte onde se pode beber. Como, poderia, então, ser feita a disposição de livros?

Ítalo Calvino, em seu romance *Se um Viajante numa Noite de Inverno*, brinca com a disposição dos livros, criando categorias de separação mais afetivas do que necessariamente pré-determinadas e ilógicas a quem adentra em bibliotecas pelas primeiras vezes. Ele cita *Hectares de Livros cuja leitura é indispensável, os Livros para outros usos que não a leitura, os Livros já lidos sem que seja necessário abri-los, pertencentes que são à categoria dos Livros já lidos antes mesmo de terem sido escritos* (CALVINO, 2003, p. 13). Em todas essas categorias, o que encontramos é uma

---

<sup>7</sup>“Livros” é a segunda canção do álbum de estúdio “Livro”, do cantor, músico e compositor baiano Caetano Veloso, lançado em 1997, pela Gravadora Universal.

disposição pautada em sentimentos, em prazeres, em utilidades que aparentam ser um pouco mais imediatas ao leitor, não é uma lógica prévia, imposta e pré-estabelecida. Os livros estão dispostos, de acordo com as categorias acima, em uma lógica de importância que pode variar de pessoa a pessoa. Parece impossível este tipo de disposição, mas, se pensarmos, só a título de provocação, que precisamos libertar os livros para libertarmos os leitores, a proposta é interessante. Ressaltamos que o nosso foco, neste texto, são as bibliotecas, mas, em especial, aquelas que disponibilizam literatura, ou seja, categorizar da forma clássica, utilizando as mesmas formas que destinamos a livros técnicos e de conhecimento científico, como não surtiu efeito em nosso país até hoje, talvez não seja o caminho, ou ainda, certamente, não é o único modo de disponibilizar um acervo. Para a literatura, como novo norte, fomentar a fruição pode ser o percurso para a formação de leitores e, assim, diferentes e alternativas maneiras de organização podem e devem ser pensadas e propostas no acesso às obras.

Já que a ênfase são bibliotecas que, doravante, chamaremos de *fruição*, os livros deveriam habitar todos os lugares e elas, sem formato definido, sem necessariamente constituírem-se em um lugar, poderiam habitar o cotidiano, não a hora específica do dia que tiramos para entrar num determinado espaço e nos depararmos com a obra. *Bibliotecas de Fruição* deveriam ser hábitos, não apenas *topos*, estado, não apenas tempo. Elas estariam nos banheiros, públicos e privados, comércios e residenciais, na cabeceira de todas as camas, na mesa da sala de jantar, na cozinha, ao lado dos talheres e dos pratos, no porta-luvas e no banco do carro, nos pontos de ônibus, nos próprios ônibus, no escritório, nos bancos das praças.

Continuando a provocação, o mundo poderia ser uma biblioteca, com paredes rebentadas, dilatadas, ou ainda, sem paredes, com livros dispostos em praticamente todos os lugares, para ler se confundir com respirar, se confundir com transitar pela cidade, se confundir com caminhar pelos parques, confundir-se com viver o cotidiano<sup>8</sup>, até mesmo porque “a diversidade das maneiras de ler remete à diversidade também de leitores” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 74).

---

<sup>8</sup>Claro que, para isto, todo um conjunto de políticas públicas, governamentais, deve ser repensado. Como nossa ênfase, neste artigo, está nas bibliotecas, deixamos este ponto em aberto para novas reflexões em textos futuros.

A lista de categorias proposta por Calvino continua, com *Livros que, Se Você Tivesse Mais Vidas Para Viver, Certamente Leria De Boa Vontade, Mas Infelizmente Os Dias Que Lhe Restam Para Viver Não São Tantos Assim* e, também, *Livros Que Você Poderia Pedir Emprestado A Alguém (...)* *Livros Que Há Tempos Você Pretende Ler, (...)* *Livros Que Pretende Adquirir Para Ter Por Perto Em Qualquer Circunstância (...)*, *os Livros Que De Repente Lhe Inspiram Uma Curiosidade Frenética E Não Claramente Justificada* (CALVINO, 2003, p. 13).

Em todos os casos postos acima, os livros são dispostos com uma iniciativa própria, que foge a padrões e, claramente, pode variar de pessoa a pessoa. Os livros são vivos e, por isso, os leitores se tornam também vivos, ao desenvolver uma relação afetiva, às vezes, fetichista, com a obra.

Para a maior parte das pessoas, já leitoras ou não, entretanto, isto ainda é utópico. Derrubar paredes de bibliotecas, como quem devolve às selvas todos os animais do zoológico, está distante demais da realidade. Mas alguns desses passos, algumas dessas categorias – e outras, a critério dos leitores – poderiam ser implementadas, paulatinamente. Enquanto isto não ocorre, ou ocorre, mas a uma velocidade muito pequena, voltemos ao espaço que hoje abriga as obras e continuemos a problematizá-los e a propor.

As bibliotecas no modelo atual, clássico, não são lugares agradáveis e aprazíveis. Como regra, há a contínua advertência de “FAÇA SILÊNCIO”. Ler em silêncio é um hábito relativamente recente. Antes oralizada, a leitura com os olhos é uma experiência relativamente nova. Foi nas bibliotecas medievais que se estabeleceu a necessidade do silêncio afim de se criar uma barreira fisiológica entre os monges leitores (CAVALLO; CARTIER, 1998, p. 161). Antes, o leitor fazia de sua voz o corpo do texto, o corpo do outro. Com a leitura silenciosa, o texto não mais impõe seu ritmo ao leitor e isto, nas palavras de Michel Certeau, constitui “um distanciamento do texto” (CERTEAU *apud* CHATIER, 1999, p. 23). Na mitologia hebraico-cristã, o caos é quebrado pela palavra. É o verbo que se faz carne e ordena o mundo. Como o silêncio e a introspecção podem ser apontados como o único elemento para a concatenação do saber? Na fruição, o texto precisa se entranhar no leitor, o texto precisa fazer parte do leitor, e, por isto, este distanciamento é extremamente problemático. A título de questionamento, por que não há espaços para se falar, para se discutir, para se recitar e

ler em voz alta, mas apenas espaços destinados ao mergulho individual até as profundezas da página? Constrói-se a imagem de que a leitura e o saber são atividades que se fazem solitariamente, amputando o outro braço, furando o outro olho, que poderia dizer que o conhecimento pode ser coletivo, que o prazer pode ser compartilhado, que o texto pertence aos leitores, não no individual, mas na coletividade. A leitura não precisa ser sempre sisuda ou silenciosa, não necessita ser uma atividade monástica de isolamento e introspecção, ao menos, não necessita ser esta a única via. Ela pode ser ruidosa e festiva, barulhenta e compartilhada, carnavalesca e coletiva, afinal, “a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos” (CHARTIER, 1999, p. 13).

Outro questionamento que se faz necessário, quando se fala em organização do espaço a que chamamos biblioteca, é a forma como as pessoas são impelidas a ler. Grandes mesas coletivas, mas que não fomentam a interação com quem está sentado ao lado, ou nichos individuais, que dão o isolamento necessário, e sagrado, aos livros, são, via de regra, as formas como as pessoas podem ocupar estes espaços. É importante, neste caso, lembrarmos da infância, das pré-escolas, quando almofadas e colchonetes eram dispostos para crianças, meio sentadas, meio deitadas, brincarem com o livro. Algumas dormiam, algumas apenas fechavam a obra, mas continuavam numa viagem desencadeada por palavras vivas, não por corpos eretos e sentenças mortas. É inimaginável, em espaços sagrados de conhecimento, que não nos comportemos como monges frente a Deus. Esta tarefa, mais uma vez, torna-se um suplício e, em muitos momentos, transforma-se em uma ação de penitência, não de prazer. Lemos sentados porque fomos educados para tal. Quando se deitam, muitos dormem e isto soa como uma afronta ao conhecimento. O conhecimento pode ser assimilado no raciocínio esmerado, atento e acordado, ou na viagem que permitimos ao nosso intelecto e à nossa imaginação fazer, às vezes, dormindo, motivados pelas palavras que acabamos de ler. Por que, então, não dispor de espaços confortáveis e acolhedores para que a biblioteca seja um lugar para ficar, não apenas um lugar para estar? Barthes afirma que “A biblioteca é o espaço que se visita, mas não que se habita” (BARTHES, 1998, p. 47). Os livros habitam a biblioteca e, se emprestados, a ela devem voltar. As pessoas apenas visitam estes espaços e levam os livros a passear, tendo a obrigação de, num prazo determinado, devolvê-lo ao seu nicho, ao seu lugar. No Brasil, por regra, não se vai à

biblioteca, senão por obrigação. Não se fica na biblioteca, senão por obrigação. Não se volta à biblioteca, também senão por obrigação. Em todas as sentenças, em todos os movimentos, o estrato é a obrigação, não o prazer, não a leitura por fruição. Poder-se-iam citar os chamados *ratos de biblioteca*, ou seja, aqueles que tem prazer em frequentar estes espaços, mas, basta olharmos para os índices de leitores no Brasil e veremos que eles constituem a exceção, mesmo quando todos os discursos feitos enfatizam que eles deveriam ser a regra.

Como já dito anteriormente, mas sendo necessário aprofundar um pouco mais, é importante a pergunta de por que as pessoas que vão a uma biblioteca o fazem, ou ainda, ao sair de casa, de uma sala de aula, de um escritório, por que passar por uma biblioteca? O que se espera dela? Claro que há aqueles que conseguem vencer todos os obstáculos – e aqui é importante ressaltar que, um destes, de grande peso na formação dos leitores, são as políticas públicas de incentivo à leitura, extremamente falhas e insuficientes – e frequentá-la, com periodicidade ou não, em busca de prazer, de agradáveis leituras. Estes tomarão emprestados os livros e farão esta degustação em casa, ou seja, em outro lugar - “A biblioteca é o espaço que se visita, mas não que se habita”. Outros, enfrentarão os bancos e cadeiras, a luz centrada em focos sobre mesas ou nichos e empreenderão pesquisas utilitaristas, atendendo, a título de exemplificação, exigências estudantis ou acadêmicas. No primeiro caso, há um apartar do livro em relação ao lugar em que ele habita para que se tenha prazer. No segundo, há o cumprimento de regras e imposições na formação intelectual. Em ambos os casos, há a dissociação do prazer com o espaço, de onde sai a semente, não o fruto.

Temos que considerar também uma nova modalidade de biblioteca que se apresenta na contemporaneidade, a digital. Com a tecnologia disponível no século XXI, com os computadores, CD's e pen-drives, com a internet e o acesso em banda larga, criou-se o discurso de acesso irrestrito a obras, autores e a todo conhecimento disponível no mundo. A biblioteca, agora, pode ser também o ciberespaço<sup>9</sup>. Infelizmente, concordando com Pereira, ao falar sobre bibliotecas virtuais, “é a utopia

---

<sup>9</sup>Cunha (2000, p. 75) esquematiza a evolução das bibliotecas, criando as eras: I – Tradicional Moderna; II – Automatizada; III – Eletrônica; IV – Digital e Virtual.

do livre acesso à informação” (PEREIRA, 1995, p. 4)<sup>10</sup>. Poder-se-ia dizer que é utopia, uma vez que, mais confusa que a biblioteca física, a virtual é um labirinto maior, praticamente incomensurável, no qual os fragmentos de conhecimento e saber devem ser buscados. O leitor, ou aquele que se quer formar como leitor, não possui intimidade com os livros físicos, com as palavras e, na contemporaneidade, se vê frente a um mar de saber sem antes ter aprendido a nadar. O leitor formado ou em formação se vê, ou na praia, ensejando amedrontadamente mergulhar, ou à deriva, sem saber qual é a tábua de salvação. O segredo, então, talvez, seja voltarmos à biblioteca física e dela partirmos para as outras possibilidades que se apresentam, preparando o indivíduo para o desafio que é ler, conhecer, entreter-se, divertir-se e concatenar tudo isso.

É claro que, em momento algum, este texto visa desmerecer a ciência, as tecnologias e o acesso que elas dão a livros e ao saber. Mas é importante ressaltar que, como diz Barthes, “A ciência se coloca acima da linguagem. Este pensamento é capcioso, pois é a linguagem que estrutura todas as coisas. Enquanto se escreve, não há centralidade, mas uma “hierarquia flutuante” (BARTHES, 1998, p. 28). Esta “hierarquia flutuante” é o que pode permitir que todas as ideias sejam acessadas. Sem linguagem, não há ciência, bem como avanço e desenvolvimento social. Pularmos a etapa de apreensão vocabular, de amadurecimento linguístico, de intimidade com as informações e com o conhecimento, para vivermos a tecnologia e seu aparente universo absoluto de possibilidades é um risco que pode configurar um número muito maior de analfabetos funcionais, uma vez que, mesmo a informação estando disponível em plataformas tecnológicas e digitais, o indivíduo conseguirá acessar apenas a superfície. Sendo assim, não se despreza a ciência e a tecnologia, de forma alguma, mas se percebe que a “hierarquia flutuante” precisa ser entendida e sistematizada, dando competência para o usuário da tecnologia, que, antes, criou intimidade com o mundo das palavras. Sobre esta intimidade, ressalta-se que, num primeiro momento, o contato com a língua se dá em casa, com os pais, na infância em todas as suas fases e, num segundo momento, ele se faz na escola, no contato com o saber que precisa passar pelo livro. Esta é a base sobre a qual se deve e se pode colocar o conhecimento, a ciência. Drummond faz, no poema *A Procura da Poesia*, um convite: “Penetra surdamente no reino das palavras”

---

<sup>10</sup>Sugere-se a leitura do artigo “As alianças entre as arquiteturas do controle, autoria, comércio e meio digital”, de Leonardo Pinto de Almeida, disponível em <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1743>.

(ANDRADE, 2012, p. 11). ao fazê-lo, ao penetrar no reino das palavras, o indivíduo tem a possibilidade de se descobrir pensante, arqueólogo do conhecimento, parte dele e, por isto mesmo, também seu produtor, seja este conhecimento artístico, acadêmico, científico ou popular. Contudo, esse movimento de descoberta e encantamento, de forma e vida, começa também com o verbo.

É importante lembrar que, como diz Barthes, “um livro vem lembrar-nos de que, afora os casos de comunicação transitiva ou moral (me passe o queijo ou desejamos sinceramente a paz no Vietnã), existe um prazer da linguagem, do mesmo estofado, da mesma seda que o prazer erótico, e de que esse prazer da linguagem é a sua verdade” (BARTHES, 1998, p. 245). O prazer erótico esteve por tanto tempo trancado no quarto que, para muitos, é apenas a cama que permite que ele ocorra. Esquece-se assim que não é o lugar, mas o corpo tateando o corpo, o corpo explorando os lugares, para muito além do que foi difundido como certo ou tradicional. Do mesmo modo, leitura se faz com o corpo explorando o livro e, para que isto ocorra, não há, necessariamente, a predefinição de um lugar, ou da disposição de objetos, mesas e cadeiras, num espaço, mas a multiplicidade que permita que corpo e livro, olhos e letras, estabeleçam esta relação erótica e criadora.

A biblioteca pode ser o lugar onde todas as letras, ao se encontrarem, formam todos os caminhos a se percorrer, todas as vidas a se viver. Ou ainda, parafraseando Oswald de Andrade, ao dizer no poema *3 DE MAIO*, “Aprendi com meu filho de dez anos/ Que a poesia é a descoberta/ Das coisas que eu nunca vi” (ANDRADE, 2000, p. 99), o livro é a descoberta das coisas que eu nunca vi, é a possibilidade de vida que em apenas uma existência eu não teria possibilidades de provar.

Ler para viver melhor, é isto? Diversas são as possibilidades de resposta a esta pergunta. Se cada leitor fosse interrogado, talvez surgissem respostas tão diversas que, num primeiro momento, poderiam confundir. Entretanto, o não hábito, a não leitura, poderia ser agrupada em categorias de motivos que, vencidos, facilitariam esta busca, este empreendimento, do lúdico ao belo, do fruído ao prazer. Consideremos que ler é um dever determinado por uma lei; no papel que o sujeito reconhece para si na sociedade, ler é uma obrigação situada entre a história e a moda. Sendo assim, em última instância, há que se considerar que “a liberdade de leitura, qualquer que seja o preço a pagar, é também a liberdade de não ler” (BARTHES, 1998 p. 46). Ler e viver

são dois valores que não necessariamente estão ligados, mas que, ao fazê-lo, podem multiplicar possibilidades, fomentar experiências, permitir mais ao indivíduo. Não ler também, mas isto deve ser uma opção, uma escolha, não uma imposição, feita por uma força invisível, por dispositivos sociais historicamente construídos, que, paradoxalmente, afirmam que se deve ler, mas negam continuamente, e de diversas formas, sua efetivação. Uma destas forças proibitivas, infelizmente, reside no acesso aos livros. Logo, repensar o contato e reestruturar a possibilidade de convívio entre pessoas e livros, entre sociedade e bibliotecas públicas, entre leitores e acervos diversificados e de acesso gratuito é uma das tarefas urgentes a serem executadas a fim de efetivamente formarmos uma nação de leitores plenos, dotados da capacidade de, mais que por obrigação estudantil, acadêmica e profissional, serem usufruidores da nossa vasta produção escrita. Afinal, paradoxalmente a uma das epígrafes escolhidas por Báez ao abrir seu livro, de Heinrich Heine, diz “onde se queimam livros, acabam queimando homens”, pode-se afirmar que, onde os livros respiram, ali devem, efetivamente, viver os homens.

Por conta disto, não basta criarmos condições para que decodifiquemos letras, fonemas, formemos palavras e, com elas, enunciados, frases, orações e períodos, ideias que serão organizadas em páginas, que formarão capítulos e livros para, por fim, enfeitar estantes e compor bibliotecas. Isto é insuficiente, pois pode ser destruído, queimado, perdido, ou apenas não acessado.

Para que bibliotecas sejam espaços de fruição, de prazer, de construção do conhecimento, para que seja mais que o barro nas mãos da divindade hebraico-cristã, deve-se dar o sopro divino, transformar o verbo em carne, permitir ao indivíduo o toque alegorizado por Michelângelo em *A Criação de Adão*, o amor incondicional de Pigmalião que transforma um objeto inerte, frio e morto em Galathea, deve-se focar o prazer do texto e isto só é possível pela formação de leitores com ampla possibilidade e capacidade de escolher, existir e fruir.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Oswald. *Pau-Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.

BÁEZ, Fernando. *História Universal da Destruição dos Livros: das Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Planeta de Agostini: 2003.

CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Vol. 1. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

CUNHA, Murilo Bastos da. *Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010*. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/artigos/>>(acessado em 15/10/2014)

ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Linguagem e Literatura (conferência)*. IN: MACHADO, Roberto. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Portugal: Veja/Passagens: 1992.

LUCKESI, C. C. e PASSOS, E.S. *Introdução à filosofia: aprendendo a pensar*. São Paulo: Cortez, 1996.

PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. *Bibliotecas virtuais: realidade, possibilidade ou alvo de sonho*. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000000812&dd1=96adb> (acessado em 15/10/2014).

## **LIBRARIES FRUITION OR WHY NOT CONTRIBUTE IN LIBRARIES CLASSIC READERS OF TRAINING**

### **ABSTRACT**

This article discusses the libraries, questioning its structure, its rules, its organization and its operation, proposing alternatives that allow readers a more effective access to books and a full enjoyment of works nowadays. To achieve this, the focus is in Brazilian public libraries - particularly in the sections where literature books are willing and spaces for reading within these environments - in contrast to the historical constitution of these spaces. Intends to thus propose alternative models of libraries, called the text Enjoyment Libraries, which aims to foster the pleasure in readers.

**Keywords:** library, aquis, reading, enjoyment.

Recebido em 27/07/2015.

Aprovado em 15/10/2015.